

MEMÓRIAS ESTUDANTIS

DA FUNDAÇÃO DA UNE AOS NOSSOS DIAS

MARIA PAULA ARAUJO





Vladimir comenta que os estudantes que foram espancados nesse episódio constituíram a vanguarda de 1968 no Rio de Janeiro:

Ficou uma vanguarda, que foi a vanguarda que fez 1968. O que sobrou ali foi uma vanguarda que deu um salto. Inclusive, fez autocrítica de ter ficado. Mas a vanguarda de 1968 estava toda ali. Quem não estava ali como, por exemplo, Franklin Martins, é porque só começou a ir para a escola em 1967. O Cid Benjamin e o Franklin Martins foram conquistados em 1967, mas o resto da turma de 1968 estava toda. Foi ali, aquele pessoal que ficou.

José Luis Guedes, atualmente médico em Juiz de Fora, na época era estudante de medicina em Minas Gerais, militante da Ação Popular e presidente da UNE entre 1966 e 1968. Ele também estava na Praia Vermelha e lembra o massacre em seu depoimento:

Quando estourou, é um estouro que eu ouço até hoje, a porta central da faculdade estourando, a gente já estava percebendo (...), mas o certo é que nós começamos a nos preparar. Basta ver que tiramos a Nair, que estava grávida. As grávidas foram tiradas pelas janelas estratégicas, que davam para sair. Quando estourou a porta, foi aquele estrondo. Vocês, provavelmente, viram *O gladiador*. O barulho era como, sem fazer analogia, o dos germânicos com a Roma sitiada. Só que o resultado foi diferente. Eles eram, de fato, os bárbaros. Era o início da barbárie no Brasil. Esta barbárie se transferiu para o crime organizado no Rio. Foi a ditadura militar que instalou e elevou o nível da barbárie. E essa barbárie estourou ali quando a porta arrebentou. (...) Nós estávamos na mão do processo civilizatório e eles estavam na contramão desse processo, com a barbárie.

UMA NOVA ORGANIZAÇÃO NO CENÁRIO POLÍTICO

O processo de "rachas" políticos no interior do PCB, iniciado nos primeiros anos da década de 1960, aprofundava-se. Como em outros países do mundo, jovens militantes insurgiam-se contra o que chamavam de imobilismo do PCB e articulavam dissidências e rachas no partido. Uma das mais importantes foi a Dissidência Comunista da Guanabara (DC-GB), criada em 1966. Dela participavam Vladimir Palmeira, Daniel Aarão Reis, Cid Benjamin e Franklin Martins. Mais tarde, em 1969, a DC-GB mudou seu nome para Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e tornou-se uma das organizações mais importantes da luta armada. Entre 1966 e 1968, as duas grandes forças que disputavam a liderança do movimento estudantil no Brasil eram a AP e a DC-GB.

Foi também entre 1966 e 1967 que as entidades estudantis clandestinas – como a UME e a UEE de São Paulo – ganharam uma base organizativa. Como relata Vladimir Palmeira:

Ainda em 1966, elegemos a nova União Metropolitana dos Estudantes. Foi Daniel Aarão Reis o primeiro presidente. Ele fez um trabalho pioneiro com os estudantes. De 1966 a 1967, foi ele e outros companheiros, como Luiz Eduardo, como o gaúcho Cláudio. O pessoal que trabalhava na UME fez uma grande gestão. Foi a gestão que estabeleceu as bases da nova entidade, que era ilegal, clandestina, abandonada, sem recurso.

Daniel Aarão Reis, por sua vez, elogia a gestão de Vladimir na UME. Uma gestão que incluía também Franklin Martins e Cid Benjamin – que mais tarde participaram do seqüestro do embaixador americano, que resultou na libertação de 15 presos políticos, entre eles Vladimir. Franklin e Cid tornaram-se jornalistas políticos, tendo o primeiro sido nomeado Ministro da Comunicação Social no segundo governo Lula. A gestão do trio foi importante porque realizou uma certa virada política na entidade. Até então, as lideranças estudantis faziam um discurso genérico, voltado muito mais para as questões políticas gerais do país do que para as necessidades e problemas específicos dos estudantes e das universidades. A gestão de Daniel na UME passou a dar destaque às questões nitidamente universitárias. Essa nova postura, segundo ele, foi um fator importante para explicar a força que o movimento estudantil – sobretudo o universitário – ganhou, entre 1967 e 1968.

O movimento teve a capacidade de articular reivindicações políticas gerais com um programa que os estudantes passaram a compreender. Eles passaram a ver que as entidades realmente estavam assumindo esse programa: mais verbas para a universidade, biblioteca decente, professores mais atentos, a questão do currículo (...). Eu acho que houve ali uma virada muito importante e decisiva para que, realmente, o movimento estudantil se estruturasse em novas bases. (...) A qualidade da discussão aumentou muito, a participação aumentou também de modo substancial.

Mas articular a luta política geral com as questões específicas dos estudantes nem sempre foi fácil. Jean Marc von der Weid, na época estudante da Escola de Química da

Faculdade Nacional e militante da Ação Popular (atualmente um ambientalista especializado em agroecologia e segurança alimentar), lembra em seu depoimento:

Levou um certo tempo para se descobrir uma dosagem boa. Em alguns lugares essa boa dosagem nunca foi encontrada. Houve lugares nos quais o movimento estudantil se esvaziou tremendamente, porque ele manteve uma tentativa de ficar só no discurso político *stricto sensu*. Em Minas Gerais, Belo Horizonte foi um caso típico. Acho que nesses casos foi um erro da AP. No Rio, acho que nós da AP – e, até certo ponto, o pessoal da Dissidência, a turma do Vladimir Palmeira – conseguimos dosar melhor essas coisas – o que era aspecto político e aspecto reivindicativo – e ter um certo balanceamento entre as duas coisas, manter colado uma coisa na outra, tanto quanto possível.

Foi nesse período também que, ainda segundo Vladimir Palmeira, os estudantes começaram a organizar uma "tática de passeata": "Nós começamos a nos estruturar para não apanhar." Os estudantes já haviam percebido que, quando andavam na contramão, o trânsito parava e os carros da polícia tinham mais dificuldade em chegar. Essa "tática da contramão" passou a ser utilizada sempre. Os estudantes também iam para as passeatas organizados por sala de aula ou então por grupos de cinco. Além disso, divulgava-se para a imprensa o local errado da concentração; o local certo era divulgado por esses grupos. Com isso, conseguiam driblar a polícia e fugir. Vladimir enfatiza que, até 1968, a orientação geral das manifestações era pacífica. Esta disposição mudou após o assassinato do estudante Edson Luís.

Até 1968, sempre fizemos questão de não brigar; quando podíamos, fugíamos. Nós queríamos fazer manifestação política, falar com a população, traduzir, dar demonstrações, porque havia um problema na universidade e nós éramos contra a ditadura. Então, quando a polícia vinha, a gente se dissolvia, mandávamos dissolver a manifestação. E tínhamos esquemas: a cada meia hora tinha ponto de encontro. Quando você dissolvia tal hora, tinha um ponto de encontro em outro lugar. Aí, nós íamos para o ponto. Em mais meia hora, quarenta minutos depois, começava uma outra passeata. A polícia vinha de novo e começava. Enfim, era uma briga de gato e rato. Essa organização era a forma típica e chegou até 1968.

A MORTE DO ESTUDANTE EDSON LUÍS

Em seu livro, o historiador João Roberto Martins Filho descreve a morte de Edson Luís:

O tiro partiu da direita. Desta vez os soldados do pelotão de choque da Polícia Militar da Guanabara responderam com fogo às pedras e vaias dos secundaristas. Em frente ao restaurante estudantil do Calabouço, caiu morto o jovem Edson Luís Lima Souto, aluno do curso de madureza, que viera de Belém do Pará para tentar uma faculdade no Rio de Janeiro. Segundo testemunhas o estudante tentou correr, mas seus joelhos se dobraram, no rosto um olhar mais de espanto que de dor. A bala veio da direita, da entrada da galeria que dava para uma transversal da avenida General Justo, perto do centro da ex-capital do país. O rapaz foi atingido no peito. Os estudantes carregaram-no em passeata até o prédio da Assembléia Legislativa, onde entraram à força. No caminho, romperam a pedradas os vidros da Embaixada dos Estados Unidos, na avenida Presidente Wilson. Até chegar o caixão, o corpo ficou exposto sobre uma mesa. Sem camisa, coberto até a cintura por uma bandeira, um cartaz improvisado pendendo para a frente permaneceu protegido por um grupo de militantes que impedia a aproximação de estranhos. O crime ocorreu ao final da tarde. Mais precisamente às 18h20 do dia 28 de março. Corria o ano de 1968.

O jornalista Bernardo Joffily na época era vice-presidente da União Brasileira de Estudantes Secundaristas e freqüentava o restaurante Calabouço.

Como juntava 10 mil estudantes por dia, inevitavelmente, se transformou num centro de efervescência estudantil. A Frente Unida dos Estudantes do Calabouço (FUEC), foi fundada nesse meio. Seu presidente era o Elinor Brito, um nordestino. Só que alguém do *staff* pensante da ditadura militar chegou à conclusão de que eles tinham de acabar com o restaurante Calabouço. Usaram como desculpa a construção de um viaduto. Por isso iriam demolir o restaurante. E nós estávamos naquela luta para defender o restaurante Calabouço, entre outras infinitas lutas.



ASSASSINOS
POR COLEGAS
ASSASSINADOS

EIS
A
DEMOCRACIA
PODRE.

VANDALAS
DE MÃO
CRIMINOSA
MATARÃO

TEN. COSTA
DO 1.º B.P.M. E O
CRIMINOSO DE 3
ESTUDANTES!
EXIGIMOS
VINGANÇA

ASSASSINOS PA-
GAMOS PELOS SEUS
CRIMES!
CUSTE O QUE
CUSTAR!

AQUI ESTÁ O UM
CORPO DE UM
ESTUDANTE
MORTO POLA DITADURA

ASSASSINOS
MATARÃO

PAR
RA

Numa passeata contra o fechamento do restaurante a polícia atirou.

O coronel que comandava a ação mandou atirar, terminando por matar o Edson, um rapaz pobre que comia no Calabouço e que veio do Pará para o Rio de Janeiro. Ele tinha um esquema: como não tinha onde morar, acabou arrumando um lugar para dormir também lá, no Calabouço. O Edson Luís era uma pessoa meio que adotada pelo movimento. Não era uma liderança, mas uma pessoa muito querida. Foi morto porque estava numa passeata contra o fechamento de um restaurante estudantil.

Vladimir Palmeira, em seu depoimento, relembra a emoção do enterro de Edson Luís:

Uma primeira vítima mortal. Nós já tínhamos dito que um dia ia morrer estudante, sabíamos que ia morrer. Havia uma fronteira da polícia, e até onde ela chegaria? Um dia chega a isso. Foi um clima de grande indignação. Esse era o clima predominante da Assembléia. Nós passamos a noite na Assembléia e, no dia seguinte, foram os momentos mais bonitos do enterro do Edson Luís, quando começaram a chegar aqueles colégios de padres e de freiras, que eram colunas de padres e freiras, e os jovens secundaristas para visitar. Lançaram aquela palavra de ordem "Podia ser um filho seu", que foi uma palavra de ordem notável, que também não foi uma liderança que criou. Aquilo foi uma criação coletiva. Fizeram uma faixa, o pessoal gritava, foi criando aquele tom. Aquela manifestação impressionante, popular.

A morte de Edson Luís marcou o início de um processo de radicalização política e de confrontos violentos entre a polícia e os estudantes. Uma demonstração chocante da violência que a repressão policial passou a usar contra os estudantes se deu poucos dias depois, na missa de sétimo dia pelo estudante morto, na Igreja da Candelária. O exército ocupou o centro da cidade. Na saída da missa da manhã uma carga da cavalaria da Polícia Militar atropelou os estudantes. Na missa da tarde, nem o cordão de isolamento feito pelos padres impediu nova investida da cavalaria.

Em seu depoimento, Vladimir se refere a esses embates e ao processo gradativo de aumento da violência. Exemplos desse processo são os dias 19, 20 e 21 de junho de 1968. O dia 19 de junho foi a "Quarta-feira Sangrenta".

Na Quarta-feira Sangrenta, nós decidimos ocupar o MEC, para mostrar que nós queríamos realmente conversar com o ministro e ele é que não queria. Preparamos com antecedência coquetel molotov. Foi a primeira vez que a gente decidiu usar de violência, cacete, pedra. Levamos pau e fomos para o cacete.

Saindo do prédio do MEC os estudantes foram para os arredores do Edifício Avenida Central. Lá, quando os policiais começaram a marchar em direção a eles, os estudantes decidiram, pela primeira vez, enfrentá-los.

Quando a polícia veio, naquele passo terrível, aquele passo de ganso, disseram: "Que a gente faz?" Eu disse: "Vamos resistir." Quando chegou, sei lá, a uns cinquenta metros, a gente disse: "Vamos para cima deles!" E fomos e batemos na polícia pela primeira vez. A polícia saiu correndo e nós atrás por aquelas ruelas do Centro, invertendo as coisas. Nós passamos quatro anos correndo deles. Dessa vez, eles estavam correndo da gente. Aí, pronto, virou uma batalha campal, porque mandaram a cavalaria e a gente jogou bola de gude, rolhas. Cavalo caiu, menino andou em cavalo. Eu me lembro que teve um menino que botou um capacete da PE e montou no cavalo e saiu montado no cavalo. Houve de tudo. A massa é criativa. Até que tocaram fogo num caminhão do Exército. Nesse momento, a barra pesou, chegou a PE e eu me mandei. O Jean Marc foi preso. Essa foi a Quarta-feira Sangrenta.

No dia seguinte, 20 de junho, os estudantes ocuparam o prédio do Conselho Universitário, na Praia Vermelha. A idéia era forçar uma discussão com os professores sobre a reforma universitária. Nessa ocupação houve uma quebra de hierarquia e, se as coisas tivessem tomado outro rumo, talvez tivesse ocorrido uma mudança profunda nas relações entre professores e alunos na universidade. De novo, o prédio foi cercado. Mas dessa vez nenhum estudante pensou em ficar. Com a lembrança do massacre ocorrido dois anos antes, os estudantes se prepararam para sair do prédio, tentando despistar a polícia. Enquanto um grupo saía por um lado em silêncio, outro grupo, "em sacrifício", saía com estardalhaço pelo outro lado. Sairam e foram espancados. Muitos foram presos e levados para o campo de futebol do Botafogo.



JORNALISTAS
CONTRA O
CRIME OFICIAL

ARTISTAS
CONTRA
O CRIME OFICIAL

A CLASSE
T

Os estudantes foram levados para o campo do Botafogo, onde houve grande violência. Urinaram sobre os estudantes, bateram. Os jornais do dia seguinte trouxeram essa violência toda. Nós já sabíamos que iria ter repressão, então já tínhamos marcado para o dia seguinte, às 8 h da manhã, outra manifestação.

A resposta dos estudantes foi uma nova manifestação, que começou na Praça Tiradentes. A manifestação foi apoiada pela população do centro da cidade, que aplaudia os estudantes ao longo do caminho. Funcionários públicos, ambulantes, profissionais liberais, pedreiros, aposentados, contínuos e trabalhadores de escritório e do comércio aderiram à manifestação. Mas a repressão foi enorme. Não há estatística precisa, mas há quem fale em 14 mortos, entre eles uma moça de 22 anos, comerciária, morta por uma bala disparada por soldados à frente da Embaixada dos Estados Unidos, lembra em seu depoimento João Roberto Martins Filho. Essa manifestação ficou conhecida como a "Sexta-feira Sangrenta".

A PASSEATA DOS CEM MIL

O próximo ato foi marcado para a quarta-feira, dia 26 de junho, e ficaria conhecido como a Passeata dos Cem Mil.

Para alguns estudantes da época, como Franklin Martins, a famosa passeata teve muito mais do que cem mil pessoas.

A Passeata dos Cem Mil. Eu pessoalmente acho que teve muito mais do que cem mil. Se o comício das diretas no Rio teve mais de um milhão de pessoas, ali teve quase um milhão. Ali tinha quase tantas pessoas quanto no comício das diretas. Mas não deu para contar, ficou cem mil, virou cem mil. Foi o coroamento deste processo em que os estudantes foram se reconhecendo nas entidades. As entidades foram mobilizando para a rua. Combinando muito estreitamente as manifestações de rua com as manifestações dentro das escolas.